

Da Arquibancada à Avenida: Práticas de sociabilidade e disputa dentro de uma torcida organizada de futebol¹

Roberto de Alencar Pereira de Souza Junior²
UFSCar – SP – Brasil

Palavras-chave: Antropologia das Práticas Esportivas; Torcida Organizada de Futebol; Escola de Samba.

1. Introdução – Tema, objeto, pesquisa

Era madrugada de domingo quando vi a Gaviões da Fiel entrar para desfilar na Avenida do Anhembi em São Paulo, pelo grupo especial do Carnaval paulistano de 2018. Com um samba enredo ousado homenageando a história da cidade de Guarulhos³ – na grande SP –, narrada segundo versões da mitologia⁴ tupi guarani dos índios Guarus⁵. A Gaviões botou fogo na avenida, por vezes até literalmente ao trazer em seu desfile um carro abre-alas da comissão de frente cuspidor labaredas de fogo de sua parte superior, representando a grande profecia tupi, sobre a qual a ira de Tupã viria como um dilúvio de fogo para purificar a humanidade de seus maus sentimentos e proporcionar um novo recomeçar, de amor e paz pelos feitos de Rudá.

O fogo que consumia, no carro alegórico, purificando a avenida, foi tomado também pelas arquibancadas através dos sinalizadores da *fiel torcida*, em determinado momento era difícil diferenciar de onde realmente vinham as chamas. Fato é, que o encontro *entre arquibancada e avenida* fez um vistoso espetáculo interativo, como se o desfile não fosse apenas dos gaviões da avenida, mas também daqueles que ativamente

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² SOUZA JUNIOR, R. A. P.. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (PPGAS-UFSCar). Bacharel em Ciências Sociais também pela UFSCar (2019), membro do Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e Sociabilidade (LELuS). Trabalha com antropologia urbana e antropologia das práticas esportivas, sobretudo em perspectiva etnográfica – e fotográfica – com torcidas organizadas de futebol que são também escolas de samba do carnaval paulistano.

³ O samba enredo em questão se chama "Guarus – na aurora da criação a profecia Tupi... Prosperidade e paz aos mensageiros de Rudá!".

⁴ Ao utilizar o termo mitologia me refiro às narrativas orais indígenas e não a visão popular de algo falso e/ou enganoso.

⁵ Apesar de preservar os nomes originais, a narrativa feita pela escola de samba e resgatada aqui, respeita a liberdade poética escolhida pelo carnavalesco da escola ao retratar a mitologia nativa, ou seja, um recorte artístico da realidade. Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (1999) traz algumas análises sobre o papel do carnavalesco, a escolha dos temas e o modo como as narrativas carnavalescas das escolas de samba tratam e misturam vários temas históricos e mitológicos na composição dos enredos.

participavam na arquibancada, unindo-se numa nuvem de fumaça que subia aos céus em resposta à purificação tupi.

Embalados pelo refrão contagiante, que com paradas e repiques da bateria⁶, chamadas de convenções, parecia mais um canto da torcida ao entoar: “anauê, sou índio guerreiro, sou gavião (eu sou!) (...)”. No grito de cada gavião o timbre coletivo impunha o samba pela avenida que extravasando o sambódromo remetia, para eles, o mesmo que estar *em casa*, seja na sede da escola no bairro do Bom Retiro ou no estádio, hoje conhecido pelo termo Arena, localizado no bairro de Itaquera.

O desfile⁷ que era para ser apreciado ganhou contornos da torcida organizada (TO) em prol de uma apresentação digna de final de campeonato, era o espetáculo recíproco de encontro, reitero, *entre arquibancada e avenida*. Não mais o desfile de uma escola de samba, tampouco a performance de uma torcida organizada dentro do estádio, era o encontro na avenida de um *acúmulo* de ambas as coisas; *uma torcida que samba*⁸. Essa observação fugida provocou o interesse que me levou a pesquisar sobre os Gaviões da Fiel – uma torcida organizada que é também uma escola de samba.

Com este artigo, objetivo problematizar esse ambiente. De modo a enfatizar as disputas – por vezes ocultadas em meio a sinergia citada acima – entre sociabilidades distintas no interior de um mesmo coletivo, e mostrar, como isso pode, de certa maneira, gerar novas formas tanto do torcer como do sambar, sobretudo a partir da relação de *cismogênese* (BATESON, 2018 [1958]) entre ambas as sociabilidades.

O caminho argumentativo que seguirei aqui será dividido em três momentos: o primeiro é esse introdutório de sensibilização temática e descrição do caminhar da etnografia; o segundo será de discussão bibliográfica e proposições a partir do campo em questão; no terceiro – e último – buscarei fechar e concluir o argumento proposto inicialmente e reiterar a contribuição do conceito de *cismogênese* para o debate acadêmico sobre torcidas organizadas de futebol que são também escolas de samba.

⁶ A bateria chamada Ritimão é fruto de uma escolinha dos Gaviões para a comunidade local, atualmente conta com cerca de 230 ritmistas, a grande maioria crescidos na escolinha que existe há 21 anos na comunidade.

⁷ Para uma análise sobre os rituais carnavalescos consultar, por exemplo, José Sávio Leopoldi (1978) e Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (1995). Para o contexto paulistano propriamente dito; Clara Azevedo (2010).

⁸ Termo nativo usado institucionalmente pelos Gaviões, seja em seu site oficial, na parede de sua quadra, ou nos discursos de seus diretores. O que incitou inclusive um estudo de Artur Bueno (2015) que citarei mais adiante.

➤ **Uma torcida organizada ou uma escola de samba?**

Fundada oficialmente em 1969, Os Gaviões da Fiel Torcida⁹ possuem uma origem arraigada tanto nas formas lúdicas do torcer quanto no exercício político dessa experimentação dentro do futebol (TOLEDO, 1996). A torcida organizada em prol do Sport Club Corinthians Paulista surgiu da motivação de torcedores que reivindicavam a participação política e administrativa no clube, principalmente em oposição ao então presidente corinthiano Wadih Helu, deputado do partido político chamado ARENA (partido de sustentação do regime militar no Brasil), tendo presidido o clube de 1961 até 1971¹⁰.

A origem da torcida organizada como projeto político do torcer recebeu novos contornos desde seu surgimento no final dos anos 1960, sobretudo por agir estrategicamente após perceber o esvaziamento da sede ao término dos campeonatos de futebol, o que causava inevitavelmente uma queda na identificação torcedora. Os Gaviões miraram o samba, outra manifestação popular, como projeto de agregação e sustentação da Torcida¹¹.

Caminho este que se mostrou assertivo décadas depois, pois veio a possibilitar uma alternativa estatutária, portanto legal, na existência como pessoa jurídica da TO diante das sucessivas crises deflagradas, sobretudo a partir do final da década de 1980, momento em que esses agrupamentos torcedores ficariam marcados e isolados politicamente pelo estigma da violência¹², além de juridicamente sob a mira do Ministério Público, que extingiria, sem sucesso de fato, alguns desses coletivos.

Apesar de ter sido um projeto iniciado com os objetivos específicos supracitados acima, é inegável o fato do samba ter se tornado também algo que construiu a própria TO e suas formas de sociabilidade. Os anos de sucesso da TO como Escola de Samba

⁹ Como aponta Souza Junior (2020, p.63): “Os Gaviões da Fiel’ é a nomenclatura nativa utilizada para se referir à torcida e à escola, mesmo que ambas as categorias sejam em si do gênero textual feminino, são propositadamente ignoradas pelo pronome masculino que pressupõe o portentoso nome ‘Gaviões’. Para isso usam a justificativa de que são um coletivo plural, no qual a singularidade textual feminina não suporta. Todavia, é possível perceber em seu cotidiano que esse apego pelo masculino é muito mais do que apenas restrito ao chamamento”.

¹⁰ Para verificar a relação entre futebol e ditadura militar consultar, por exemplo, Sandro Francisquini. Campeonato brasileiro de futebol e a esportificação do futebol profissional (1971-1979). Dissertação de mestrado. Ciências Sociais- UFSCar, 2006.

¹¹ Para consultar esse processo com mais detalhamento histórico, favor consultar Hollanda e Medeiros (2018, p. 14).

¹² Sobre alguns dos eventos relacionados a violência torcedora que deflagraram o movimento, da parte do ministério público, contra a presença das TO’s nos estádios paulistanos, consultar, por exemplo, Toledo (1997).

Disponível em:
http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_18_LUIZ_HENRIQUE_DE_TOLEDO.pdf Acessado em 08.05.2020.

(ES) fizeram com que sua fama transcendesse apenas a esfera futebolística e também habitasse o universo carnavalesco.

O êxito do projeto pode, inclusive, ser atrelado ao ajuntamento inegociável, que busco problematizar aqui, do torcer com o sambar. O objetivo, pelo que pude notar etnograficamente desde o início, nunca foi da TO ter – ou ser – uma ES, mas dos Gaviões sobrevoarem também os céus das avenidas e passarelas do samba. Com isto, as próprias categorias existentes se tornaram insuficientes. Não se tratava mais de apenas uma torcida organizada e/ou uma escola de samba, assim, criou-se a categoria nativa de “Torcida que Samba (TS)”.

Em princípio, antes de seguir adiante com a complexidade das relações experienciadas pela TS, vejo como necessário estabelecer um chão argumentativo a partir de uma noção cara a antropologia urbana, e a antropologia das práticas esportivas, a saber, a sociabilidade. Afinal, é por meio da relação dos padrões das sociabilidades, do samba e do futebol, que almejo discutir a produção dessa nova categoria.

Para Toledo (1996) “as Torcidas Organizadas inauguram uma sociabilidade própria, regida por regras específicas de pertencimento, afinidade e oposição aos clubes e torcidas. Sociabilidade que também traduz a dimensão política da negociação, da hierarquia, conflito, prestígio e poder” (p. 112). Já “O carnaval aponta e visualiza para formas peculiares de sociabilidade e mesmo de disputa”. p. 97. Como então seria a intensificação dessas relações em um mesmo contexto?

Longe de querer trazer um debate sociogênico sobre sociabilidade¹³, mas amparar aqui o uso em uma perspectiva teórica me permite seguir adiante com uma certa densidade etnográfica. Adianto que, pretendo tomar o termo a partir das considerações de Toledo (2020), o qual observa, dentre outras coisas, que sociabilidade no âmbito específico de pesquisas sobre torcedores de futebol translada de conceito a método, alargando assim, para além de mero conjunto de características comuns de essencialização de comportamentos (ou grupos) e sua arte do encontro.

O autor destaca que, é justamente a abertura para as dinâmicas de alteridades e encontros complexificados que constitui o rendimento etnográfico da noção de sociabilidade. Não mais apenas como mera arte do encontro, mas também – e na presente pesquisa até de maior relevância – como arte dos desencontros.

¹³ Nessa direção indico importantes trabalhos, tais como: Frúgoli Jr (2007); González (2007); Maia (2007); Brancaleone (2008); Toledo (2020). Além de ressaltar que críticas aos usos excessivos do termo constam em breves considerações de Deleuze e Guattari (1997) e Strathern (1999).

Por isso, aproximo aqui, a noção de sociabilidade, não de imagens estáticas do que seriam a sociabilidade torcedora ou sambista, antes, a coloco numa perspectiva etnográfica sem delimitação de fronteiras¹⁴, competindo cotidianamente entre suas práticas internas e seus acúmulos, produzindo assim uma *socialidade* (STRATHERN, 2017) entre arquibancada e avenida.

Cabe salientar, que socialidade para Strathern (2017) seria uma forma conceitual de corrigir um erro abstrato que veio a ser o nosso conceito de sociedade. Aqui, o uso justamente para demonstrar que o encontro entre sociabilidades distintas no interior de uma mesma agremiação não produz, e também não é produto, de uma dita “sociedade” e/ou “ethos” do ser gaviões. Antes, reverbera uma socialidade, que para a autora é “(...)como a matriz relacional que constitui a vida das pessoas e até mesmo ‘sociedades’ como um pluralismo de uso prático, representativo de populações com organizações distintas”. (Strathern, p. 197).

Strathern (2017, p. 200) continua, e acrescenta, ao dizer que “(...) as relações sociais são intrínsecas, e não extrínsecas, à existência humana”. Dito isto, a socialidade entre arquibancada e avenida não *tem sido* apenas a partir de uma verticalização institucional, ou um mero projeto político abstrato. Mas construída diariamente em meio as relações. Relações estas que abarcam as diferenças, os conflitos, os encontros e os desencontros de um eterno *tornar-se*.

O que me serve, de certo modo, como um link útil para a proposição do conceito de *cismogênese* de Gregory Bateson, que abordarei especificamente mais adiante. Por hora, nos cabe as palavras de Amir Geiger na apresentação de Naven (2018 [1958], p. 35):

Cismogênese (...) traz a ideia de que integridade e ruptura não são distintos e opostos, mas faces do mesmo processo de produção combinada de estabilidade e variação. E que não existem por si, mas em contexto – rupturas podem ser reequilíbrio em outro plano; estabilidade pode estar associada a variações.

¹⁴ Acrescento também que, como apontam Azevedo e Oliveira (2018, p. 14), as formas de torcer e de sambar historicamente se relacionaram em algum grau: “Não seria um acaso a mesma população negra e pobre que funda escolas de samba, mas que joga bola aos fins de semana nos campos de várzea, criar formas de interação entre essas duas formas de lazer. Evidentemente, as chamadas “escolas de torcida”, hoje em dia, são muito mais relacionadas ao cotidiano dos times e investem mais nas formas de torcer. Mas, há muito tempo, o futebol já era pretexto em São Paulo para fazer samba para valer, e vice-versa”.

➤ **Uma torcida que samba**

O termo utilizado é apropriado propositalmente para indicar a interatividade entre a torcida organizada de futebol e a escola de samba e é, na verdade, uma expressão nativa que projeta uma postura política dessa sociabilidade, pois a define não somente como uma escola de samba como as demais, também advindas de TO's, e que participam das competições oficiais, mas, antes, *uma torcida que samba*. Lema este, que em si já me sugeriu desde o início algum grau de mobilidade, tensão, negociação e ajustamentos na produção da *socialidade* (STRATHERN, 2017) entre torcer e sambar.

“ARQUIBANCADA E CARNAVAL, NÓS SOMOS OS GAVIÕES! Sintam o clima de arquibancada que levaremos para o Anhembi”. Essa era uma das frases mais comuns utilizadas nas publicações dos Gaviões da Fiel em suas redes sociais, e também nos grupos de *WhatsApp*¹⁵ dos componentes, a fim de divulgar suas atividades sobre carnaval, quase sempre acompanhadas com vídeos e/ou fotos da própria torcida¹⁶.

Um pequeno parêntese. Aqui se percebe uma estratégia de inclusão muito bem organizada, se trata da comunicação. Toda e qualquer mensagem que era disseminada para os componentes do carnaval via grupos de *WhatsApp* ou ensaios presenciais, eram também repassadas, quase que subitamente, em canais associativos para os demais torcedores também saberem e participarem.

Voltando ao fio da meada. Da mesma forma, constava na nota oficial pós carnaval¹⁷ a seguinte afirmação: “o nosso carnaval sempre será voltado para festa na avenida e nas arquibancadas – temos a certeza que alcançamos esse objetivo. Gaviões, escola campeã do povo!”. Cabe destacar – brevemente – o uso nativo acima da categoria “escola”, ao invés de “torcida organizada” ou até mesmo “torcida que samba”. Isso acontece, de maneira delimitada, nas relações em que os Gaviões estabelecem com outras escolas ou até mesmo veículos institucionais do samba, sempre de maneira estratégica e política de se legitimar nesse meio. Mesmo que para dentro de seus domínios cotidianos o discurso seja sempre outro; o de “não somos uma escola de samba, mas uma “torcida que samba”.

¹⁵ Cada ala carnavalesca tinha um grupo no aplicativo de mensagens para disseminar orientações – sempre de forma verticalizada – e motivações. Como fui, além de pesquisador, componente, tal grupo veio a ser uma importante fonte interna de observação etnográfica.

¹⁶ O uso nativo dessa expressividade estética e imagética de suas práticas, me levou a posteriori, sobretudo nas pesquisas subsequentes, a direcionar meu olhar etnográfico também com aporte da antropologia visual, sobretudo nos estudos propostos por Sylvia Caiuby Novaes.

¹⁷ O carnaval de 2019 não foi como o esperado, os Gaviões amargaram a nona colocação na classificação geral.

O uso nativo de uma categoria externa às suas origens, como forma política e estratégica de se relacionar com outros grupos, foi justamente o que propôs Manuela Carneiro da Cunha (2009), ao apresentar o processo de *indigenização da cultura* para discutir acerca dos direitos intelectuais sobre os conhecimentos tradicionais de populações indígenas. Aqui me refiro mais especificamente a sua discussão sobre “cultura” e cultura¹⁸. A autora demonstra que há um uso reflexivo, por parte dos indígenas, da categoria analítica ocidental de “cultura”, sempre como forma política e estratégica nas relações interétnicas¹⁹. Afirmo ainda, que apesar da relação constante entre as categorias, “cultura” e cultura pouco possuem de semelhanças no interior dos grupos.

É o que acontece – obviamente em outra perspectiva e com as devidas proporções –, com os Gaviões da Fiel em suas relações de contexto carnavalesco. Usam de maneira reflexiva a categoria de “escola de samba” – como “cultura” –, enquanto dentro de seus domínios sabem que os “esquemas interiorizados que organizam a percepção e a ação das pessoas” (CARNEIRO DA CUNHA, 2009. p. 313) – a cultura – é bem mais próximo da categoria nativa de “torcida que samba”, ou ainda, de “torcida organizada”.

Ainda nesta questão, a categoria nativa de “torcida que samba” parece estar ganhando seu espaço também fora das sociabilidades do interior da agremiação, sobretudo por sua expressividade torcedora nas apresentações carnavalescas. Assim, alguns veículos institucionais²⁰ passaram a usar a categoria para denominar esse grupo que apresenta características específicas e peculiares ao ambiente de escolas de samba²¹.

As diferenciações não param por aí, elas também habitam o campo jurídico. Os Gaviões da Fiel são a única agremiação, advinda das TO’s, que mantém um único CNPJ (Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica), tanto para as atividades da Torcida quanto da Escola²². Estratégia bastante arriscada no meio jurídico, mas que interfere diretamente

¹⁸ O uso das aspas é proposital e se refere à famosa discussão apresentada por Manuela Carneiro da Cunha (2009), principalmente sobre a apropriação local e o uso estratégico da categoria de “cultura”, o transformando em algo distinto, uma certa versão politicamente reificada da cultura que fala de si mesmo.

¹⁹ Segundo Marshall Sahlins (1997), compreender o processo de *indigenização da modernidade* nas relações interétnicas é a tarefa da antropologia contemporânea – o que de certo modo inspirou, segundo a própria autora, a análise de Manuela Carneiro da Cunha (2009). Para Sahlins o uso indígena de afazeres lidos como modernos se dá de forma reflexiva, a ponto de que as culturas não ocidentais imprimam seus próprios sentidos no que fazem com os artefatos ocidentais. Como afirma Sahlins (1997, p. 128) “Os meios são modernos, mas os fins são indígenas”.

²⁰ É o caso dos comentaristas de carnaval da Rede Globo de Televisão durante o desfile ao vivo dos Gaviões. Ou até mesmo as notas oficiais e matérias do SASP (Sociedade Amantes do Samba Paulista).

²¹ Não significa que as outras escolas não possuem torcidas, mas que os Gaviões se destacam por sua forma massiva e organizada de torcer pelo carnaval como se costuma fazer com o futebol.

²² Para saber um pouco melhor sobre isso consultar os depoimentos de lideranças das TO’s, organizado por Bernardo Borges Buarque de Hollanda e José Paulo Florenzano (2019).

nas formas de sociabilidades negociadas no interior de um mesmo espaço físico, jurídico e simbólico²³.

Um exemplo personificado do encontro das sociabilidades de ambos os campos (do torcer e do sambar), é o do atual presidente dos Gaviões (Digão), que toca surdo de terceira, tanto nas arquibancadas de futebol para *o canto da torcida*, como nas avenidas do samba, sendo um dos ritmistas do samba-enredo. Outro exemplo, esse coletivo, se dá dentre os circuitos urbanos da capital paulista, se trata do trajeto entre a sede dos Gaviões e os locais das atividades da TS, tanto pertinentes ao futebol²⁴ como também ao samba. Acontece uma espécie de caminhada com requintes de bloco carnavalesco e cantos de arquibancada, sempre em prol do Corinthians e dos Gaviões²⁵.

No entanto, mesmo que no papel e nos muros da sede ser *uma torcida que samba* possa sugerir uma aliança perfeita entre os dois universos, no cotidiano das sociabilidades isso traz em si diversas questões internas de disputas e tensões no interior da agremiação. Sobretudo na hierarquia dos afetos – segundo costumam dizer abertamente, primeiro vem o Corinthians, em seguida os Gaviões, depois o Carnaval. Como se pode observar em mensagens postadas nas redes sociais informando sobre o cancelamento de – vários – ensaios de carnaval devido a jogos do Corinthians: “atenção Fiel: Amanhã não teremos nosso tradicional ensaio de domingo. Nossa torcida estará indo para Itaquera... É dia de CORINTHIANS”.

Por mais que isso seja imposto e disseminado desde o início de maneira verticalizada, inegociável e extremamente hierarquizada – a ordem de cancelamento vem do presidente e da diretoria –, isso não impede que haja fortes discordâncias e atritos internos, como se pode perceber na fala de uma das líderes da harmonia no carnaval 2019: “Não adianta, a gente sempre vai sair perdendo, ninguém mais para, nem mesmo as outras torcidas, só a gente. Sabemos que é tudo pelo Corinthians, mas desta forma sempre vamos

²³ Uma boa nota em seu site sobre a relevância oficial do torcer e do sambar como identidade: “Torcida, carnaval, família, projetos sociais, formação política, lazer, disciplina, valores, e sua ideologia: lealdade, humildade e procedimento são os valores dessa escola da vida. O principal objetivo dos Gaviões da Fiel é apoiar e fiscalizar o Sport Club Corinthians Paulista, razão dessa existência”.

²⁴ Prática bastante comum quando os jogos do Corinthians como mandante eram realizados no Estádio do Pacaembu – aproximadamente 5 km da quadra sede dos Gaviões no Bom Retiro. Atualmente, para ir na Arena em Itaquera costumam sair ônibus da sede e/ou marcar encontros em metrô próximos a zona leste paulistana, no entanto a caminhada coletiva até entrar no estádio ainda é uma tradição.

²⁵ Para a ideologia dos Gaviões, o Corinthians é a maior prioridade, isso é passado também para os participantes do carnaval de maneira inegociável. “*Pelo Corinthians, com muito amor, até o fim*”. (Um dos principais lemas da torcida).

sair perdendo”.²⁶

Mesmo que o projeto se proponha a homogeneizar, através da categoria nativa discursiva empregada, a pesquisa empírica demonstra que samba, carnaval e futebol talvez não sejam assim tão solidários, tal como essa associação já muito explorada pela literatura possa sugerir, ou só o seriam de um ponto de vista mais ensaístico e menos etnográfico.

A partir disso, pude inclusive especular que as disputas em torno dessas duas estéticas evocam também aquilo que Bateson (1965) cunhou como duplo vínculo (*double blind*). Situação em que esses dois regimes comunicativos, samba e futebol, acabam produzindo também ruídos antagônicos que alcançam a sociabilidade.

Essa interessante dissintonia, que por vezes ocorre e produz ruídos na comunicação entre samba e futebol, ao menos dentro dos Gaviões, faz com que as fronteiras não sejam tão demarcadas ou meramente justapostas, antes, como apontarei a seguir utilizando o próprio Bateson (2018 [1958]), *cismogênicas*. Todavia, acredito que aqui caiba antes um breve relato do campo acadêmico na relação de futebol e samba, para enfim apresentar a *cismogênese* como um importante refinamento do atual debate.

2. Samba x futebol – entre sociabilidades competitivas um campo de pesquisa

Estudos sobre futebol e samba constituíram seus próprios campos de debates e discussões acerca dos simbolismos que os envolvem. Poderia citar DaMatta (1997) como um dos precursores que tentou alinhar samba e futebol, sobretudo da perspectiva de identidade nacional pelo viés do conceito de *dramatização*. A proximidade entre TO's e o universo carnavalesco²⁷ paulistano pode ser observada, inicialmente em César (1982), Toledo (1996, 2002) e Buarque de Hollanda (2010), e mais recentemente nas experiências etnográficas de Oliveira (2019)²⁸ e Bueno (2015).

²⁶ Vale ressaltar que foi inclusive cancelado um dos 3 ensaios técnicos do Anhembi, pois o Corinthians se classificou em um campeonato eliminatório e calhou de jogar no dia e horário do ensaio oficial previsto pela liga organizadora do carnaval. Por fim, os Gaviões da Fiel conseguiram trocar com uma escola para desfilar em outro dia e horário, todavia, o transtorno foi grande pois esse novo horário era às 18h de uma sexta-feira, o que dificultou e muito a chegada de todos os componentes e mais a TO.

²⁷ Para saber mais sobre consultar os seguintes textos que constam na bibliografia: Wilson Rodrigues de Moraes (1978); Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (1995 e 1999); José Sávio Leopoldi (2010); Francisco Mestrinel (2010); Clara de Assunção Azevedo (2010); Clara de Assunção Azevedo e Felipe Gabriel Oliveira (2018).

²⁸ O pesquisador foi mestre-sala na TO Tricolor Independente, torcida e escola de samba vinculadas ao São Paulo Futebol Clube, e descreve essa relação entre samba e torcida a partir de sua experiência como sambista e torcedor corinthiano. Podemos tomar aqui sua experiência singular dentro da dinâmica cismogênica.

Buarque de Hollanda e Medeiros (2018) mostram, a partir de um levantamento histórico das últimas três décadas, como as TO's paulistanas, que levaram adiante esses dois projetos, enfrentaram importantes dilemas, primeiro como manter a mobilização em torno do pertencimento clubístico nos ciclos sazonais dos campeonatos e, segundo, a questão relacionada aos processos históricos que alcançam a contemporaneidade, como reatualizar suas imagens diante dos estigmas que as cercaram em virtude da exposição e centralidade que assumiram em relação às críticas à violência que por décadas as estigmatizaram como TO's.

A resposta mais contextualizada, para essas duas questões, foi a abertura para o universo do carnaval como estratégia estética e política de seguir existindo às margens dos seguidos cerceamentos e proibições que restringiram seus espaços de manifestação nos estádios no estado de São Paulo. Foi, portanto, “a estratégia de sobrevivência adotada pelos líderes das associações torcedoras, diante dos constrangimentos jurídicos sofridos a partir da década de 1990, com seu processo de proibição e de criminalização” (BUARQUE DE HOLLANDA; MEDEIROS, 2018. p. 28).

Bueno (2015), por sua vez, discorre, com uma perspectiva mais sociológica, e menos etnográfica, sobre o processo que iniciou esse caminho, sobretudo, a partir de análises em fóruns digitais de torcedores. Se trata do caso específico de desdobramento dos Gaviões da fiel em escola de samba. O que demonstrou um caminho promissor, mas com pouca densidade etnográfica ou enfoque nas relações.

Em Pimenta e Silva (2019), observa-se a recente formação de *Torcidas Organizadas de Escolas de Samba* (TOES), especificamente no contexto carioca. Nota-se, um percurso inverso do aqui discutido, do samba para a torcida e não da torcida para o samba. O que, porém, já mostra como o transitar entre dois projetos de sociabilidades podem gerar novas e inesperadas formas de confrontação de uma instância sobre a outra, no caso em específico dos autores, do samba sobre a lógica torcedora.

Voltando a Toledo, um dos primeiros autores a traçar essa aproximação ao observar na década de 90 um *padrão de sociabilidade permanente* (Toledo, 1996, p. 151) das Torcidas Organizadas, contendo dimensões tanto do futebol quanto aspectos do samba. Apesar do pioneirismo, percebe-se em seu trabalho, que naquela época o samba aparecia mais como um adereço estratégico, estético e lúdico das TO's em resposta aos estigmas de violência, do que uma vertente de relação na construção de suas formas de sociabilidade. Aqui, apresento, em contraponto ao autor, que o samba, no caso específico dos Gaviões, passou a ser um importante fator de complexificação às novas formas de

sociabilidade. O que em si contesta e rejeita um único *padrão de sociabilidade permanente*.

Em meio as discussões citadas, busco aqui contribuir, como já indiquei, e acrescentar ao debate acerca de torcidas organizadas de futebol que são também escolas de samba, o conceito de *cismogênese* de Bateson (2018 [1958]), sobretudo para compreender essa complexa relação e, problematizar, etnograficamente, como já adiantei, a mera justaposição ou composição entre sambar e torcer como se fossem dimensões populares da sociabilidade que se ajustam naturalmente a esse universo popular. Para isso, usarei o caso específico dos Gaviões da Fiel.

➤ **O gol do samba – a cismogênese Gaviões da Fiel**

Anteriormente, fiz uma pequena aproximação de cismogênese ao falar de socialidade. Não foi atoa. O que proponho é que esta socialidade produzida entre futebol e samba no interior da agremiação ocorre por um conjunto de relações cismogênicas. Que é o mesmo que dizer que as sociabilidades em disputa produzem – e de certa forma também são produzidas e retroalimentadas – por essa *socialidade cismogênica*. Vamos então ao conceito de cismogênese, o qual será de grande valia para entender essa complexa relação de diferenciação nos Gaviões da Fiel.

Os Gaviões da Fiel não abrem mão de sua origem social e histórica no futebol, mas também se orgulham de seu projeto no interior do arranjo institucional do samba a partir desse modelo das escolas carnavalescas²⁹. O interessante é que esse duplo vínculo traz suas consequências ao modo de existir como uma *torcida que samba* na medida em que não se trata tão somente de uma sobreposição de uma coisa por outra, ou a produção de uma identidade torcedora que acomodaria samba e futebol como índices de agregação e sociabilidade em nome de um *ethos* popular dos Gaviões.

Como adiantei ao decorrer do artigo, a junção de ambas sociabilidades competitivas transcende uma simples soma e se torna uma espécie de *cismogênese* dentro da própria torcida. Interações essas que replicam diferenciações que dizem respeito às “evoluções” de um projeto de TS, o que implica politicamente em constantes negociações internas em torno desses eventos, não raramente tomados como símbolos de identidades

²⁹ Isso fica evidente em depoimento de um ex-presidente da agremiação (Dentinho), que ao avaliar sua administração como a melhor da história, justifica seu argumento com os títulos do carnaval conquistados em sua gestão (BERNARDO BUARQUE; FLORENZANO, 2019).

populares e até da chamada identidade nacional, samba e futebol. Tais dinamismos, resultantes desse acúmulo de interações dão os contornos cotidianos e negociados de novas formas e expressões de sociabilidade torcedora.

Cismogênese é um conceito utilizado por Bateson (2018 [1958]) para tratar da diferenciação resultante do acúmulo das interações entre indivíduos e grupos sociais, ou como ele mesmo define “um processo de diferenciação nas normas de comportamento individual resultante da interação cumulativa dos indivíduos” (Bateson, 2018 [1958], p. 219). Segundo o autor não haveria interação que não evoluísse para processos cismogênicos, desde relações íntimas às mais coletivas. Por isso, a busca no campo foi justamente por encontrar o resultado desse processo *cismogênico*, afinal, se o futebol pode produzir torcedores e a escola de samba, sambistas, qual o resultado então de *uma torcida que samba?*

Percebi, então, que esse processo de *socialidade cismogênica* está na base do sucesso institucional dessa relação entre futebol e samba no caso dos Gaviões. O que não é o mesmo que dizer que ele não segue rumos completamente imprevisíveis, como no caso inesperado da sociabilidade das avenidas e passarelas adentrar também as arquibancadas. Se no plano inicial a arquibancada (torcida organizada) tomaria a avenida (escola de samba), atualmente ambos os projetos se retroalimentam em constante troca relacional.

Alguns sambas-enredos, por exemplo, atravessaram a avenida do samba diretamente para as arquibancadas do futebol. Não como ES ou TO, mas como uma terceira coisa resultante do *acúmulo* dessas duas; a *cismogênica* TS. Pude inclusive, através da pesquisa etnográfica, propor uma noção que defino por “canto-enredo”, cujas apropriações recíprocas do torcer e do sambar resultaram no movimento inverso do pensado inicialmente pelos projetos de samba no interior das torcidas.

Se trata de uma prática bastante comum dos Gaviões da Fiel nas arquibancadas de futebol. Após o Corinthians marcar um gol, independente do momento do jogo ou situação, se inicia um canto na torcida que é, na verdade, um samba-enredo³⁰ da própria “escola de samba”³¹.

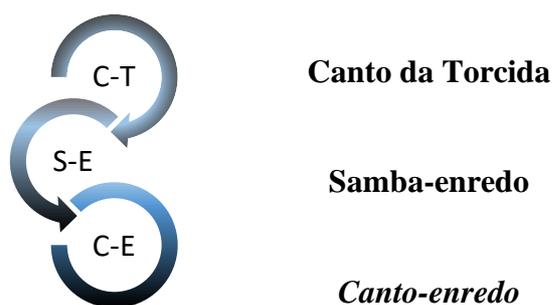
³⁰ O samba-enredo em questão se chama “a saliva do santo e o veneno da serpente”. Fez muito sucesso em 1994 quando a escola foi vice-campeã, reeditado agora em 2019, ano em que a Torcida completou 50 anos de existência.

³¹ Inclusive pude encontrar uma matéria jornalística que abordou de forma perspicaz e nada analítica essa prática, segue o link da matéria: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/03/gavioes-da-fiel-reedita-samba-que-virou-canto-de-gol-do-corinthians.shtml>

Mais do que cantar a música, o que acontece nas arquibancadas é uma reprodução corpórea³² dos movimentos básicos utilizados pela “escola de samba” em seu desfile acompanhado pelo samba-enredo em questão. No entanto, a apropriação tomada do espaço carnavalesco se acumula em experimentações na arquibancada, transformando assim parte da letra do samba³³ que compõe o roteiro para se perceber o desfile em curso, numa ritualização específica do pós gol, cuja potência adquire um ápice diverso da entonação do samba-enredo ao longo da avenida, que passa numa intensidade necessariamente constante.

Pode-se, inclusive, observar esse acontecimento narrado pelo próprio presidente da agremiação (Digão) em uma entrevista para a Rede Globo³⁴ sobre o samba-enredo no carnaval: “o samba nosso é muito forte. Acabei de cantar agora duas vezes ele no jogo do Corinthians. Cada gol do Corinthians a Torcida canta esse samba. Eu acho que a nossa identificação com o samba da arquibancada e com nosso povo no carnaval vai ser a diferença esse ano”.

Com isto, as noções nativas que se tornaram oficiais de *canto da torcida*, para músicas entoadas pelas TO's nas arquibancadas de futebol, e *samba-enredo*, para a música que direciona o desfile da escola de samba, se tornaram insuficientes para categorizar tal experimentação. A partir disso, cunhei o termo “canto-enredo” (O encontro relacional do samba-enredo com o canto da torcida), que seria na verdade o exemplo *cismogênico* da relação entre torcer e sambar no universo das TO's que vivenciam também o samba. Como se pode ver na ilustração a seguir:



³² Como bem afirma Oliveira (2019), a festa carnavalesca tem como elemento central o uso do corpo em suas manifestações dançantes, e isso é, segundo o autor, uma forma de transmissão e apreensão de técnicas corporais que traduzem significados.

³³ Enquanto na avenida se canta o trecho “(...) É um raro prazer, sabor de emoção, mas não abuse, que faz mal pro coração (...)”, nas arquibancadas ele ganha novos contornos que no samba não são permitidos em seus limites institucionais, e se torna “(...) é um raro prazer, sabor de emoção, fumar maconha e torcer pro Coringão (...)”.

³⁴ Segue o link da entrevista completa online: <https://globoplay.globo.com/v/7349382/>

Tal termo, me serve, inclusive, como uma espécie de totalidade etnográfica (MAGNANI, 2002; 2009), a qual me permite experimentar o uso em outros locais de pesquisa. Em outros momentos dessa relação *cismogênica* do torcer e sambar, se pode observar alguns desdobramentos que também caberiam nessa categoria de “canto-enredo”, até mesmo para além das arquibancadas. É o caso de os *cantos da torcida* habitarem constantemente os ambientes carnavalescos, sejam nos ensaios na quadra ou até mesmo no Anhembi. Cantos estes que são, em sua grande maioria, com letras voltadas para o Corinthians e o futebol em si, entretanto o uso é tão comum que se tornou tradição dentro da estrutura litúrgica³⁵ de todo e qualquer ensaio em prol do carnaval.

Outro exemplo é o do Anhembi. Assim que a “escola” cruza a linha e o portão da avenida é fechado, os componentes continuam o desfile nos bastidores, mas assim que acaba pela última vez o samba-enredo recém desfilado, é puxado pela bateria os cantos comuns da arquibancada, tornando daquele ambiente carnavalesco completamente invadido pelo frenesi das arquibancadas do futebol. Como se a linha amarela no fim do sambódromo, que decreta o final do desfile oficial do samba, fosse também, para eles, o início, quase que uma chegada ao estádio de futebol após a peregrinação carnavalesca.

Os ensaios técnicos não são muito diferentes. Todavia, ao contrário do que possa parecer previamente, ocorre também um certo “ensaio” da interação e participação da torcida nas arquibancadas do Sambódromo no desfile. Todos os três ensaios técnicos são com lotação da torcida, além disso, tanto os *bandeirões* quanto os sinalizadores são sincronizados para acontecer no momento oportuno de compor o enredo. Portanto, não é só o ato em si de torcer, mas também de sambar, sendo assim o “canto-enredo” ultrapassa os ambientes, tanto do futebol como do samba, e exerce em ambos a sociabilidade que lhe convém enquanto *torcida que samba*.

Um último exemplo dessa *cismogênese* Gaviões da Fiel é o da reação a resultados negativos. Tanto no futebol após o Corinthians tomar um gol, quanto na apuração³⁶ das notas do carnaval – após a agremiação não ganhar um 10 –, ocorre quase que imediatamente um canto ainda mais forte de motivação, como se, para eles, o momento

³⁵ Os ensaios costumam ter a seguinte liturgia: Começa com um grupo convidado tocando samba enquanto os componentes chegam, depois tem apresentação da bateria, já em seguida e junto do aquecimento dos ritmistas são entoados os cantos de arquibancada, depois tocam algumas músicas / sambas antigos dos Gaviões, para enfim chegar no que em tese seria o principal da noite; o samba-enredo atual e o começo do ensaio dos componentes.

³⁶ Acontece um evento na quadra em que todos os componentes e demais integrantes se reúnem para assistir e torcerem juntos durante a apuração do carnaval.

do revés fosse exatamente o motivo pelo qual estão ali, muito mais do que o do gol ou o do 10. Essa prática que já se tornou comum nos jogos da equipe corinthiana é vivenciada também em prol do samba. O mesmo acontece após o apito final ou o fim da apuração, se o Corinthians ou os Gaviões perderam o jogo e/ou o título, o choro escorre dos olhos, mas enquanto isso a garganta vibra e o corpo pula.

3. Considerações finais

Segundo o autor indígena Ailton Krenak (2019, p. 27), a “(...) provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim”. Em outra medida e com uma perspectiva distinta, é isso o que busquei aqui, contar mais uma história sobre torcidas organizadas que são também escolas de samba e, espero com isto contribuir para adiar minimamente este fim estigmatizante que recai sobre elas.

Com a etnografia focada especificamente na TS, pude experimentar de *perto e*, por vezes literalmente *de dentro*, da avenida e da arquibancada, o cotidiano entre torcer e sambar, a fim de construir “um olhar a partir dos arranjos dos próprios atores sociais” (MAGNANI, 2002, p. 18). Além de ir frequentemente aos jogos de futebol junto a Torcida, o que me permitiu perceber dimensões de profunda intensificação dessas negociações e tensionamentos foi o dia-a-dia das atividades relativas ao samba, onde pude acessar ainda mais essa dinâmica competitiva entre as sociabilidades ali inseridas. Mais do que frequentar os ensaios e o desfile, participei como componente de pista para desfilar em uma das alas carnavalescas, a ala 21.

Apesar de desafiador – principalmente pela visível ausência de samba no pé que me ocorre –, frequentar todos os ensaios, além de boa parte dos jogos, me levou a (con)viver com maior proximidade junto as pessoas por trás da instituição, o que me permitiu, como aponta Strathern (2014), perceber as conexões entre elas, suas práticas e suas coisas. Acredito que esse compartilhar me possibilitou mais do que acessar um campo de pesquisa, e de certa forma me sentir parte desse regime *fractal* que produz o torcedor que samba. Como ressalta a autora:

É por meio das pessoas que os antropólogos sociais conduzem as conexões. Eles atentam para as relações de lógica, de causa e efeito, de classe e categorias que as pessoas fazem entre as coisas; isso também significa que atentam para as relações da vida social; para os papéis e comportamentos por meio dos quais as pessoas se conectam entre si. (Strathern 2014:271).

Em muitos dos momentos, para meus interlocutores, eu não era mais visto como pesquisador, e sim como mais um dos associados. Muito disso, cabe dizer, penso que por possuir proximidades fenotípicas com os integrantes do campo em questão. Apesar de se tratar de um ambiente bastante heterogêneo a predominância visual é de jovens negros, em grande maioria atravessados por conjuntos linguísticos e traços culturais que os denotam enquanto periféricos e pobres³⁷. Apesar de estar descrevendo meus interlocutores poderia estar falando de mim mesmo, o que em alguns momentos me ajudou muito na pesquisa, pois me possibilitou acessar o que poucos pesquisadores adentram, mas em partes trouxe consigo alguns desafios que a literatura pouco aponta, que é a dificuldade em ser lido como pesquisador e não só como mais um moleque da quebrada³⁸. O que também sou.

No dia específico do desfile, em nenhum momento – desde a concentração na quadra, até o final do desfile no Anhembi – fui lido como pesquisador, e confesso que quase não me lembrei que era. Vivenciando o momento ouvi de uma parceira de ala a frase que desde então ecoa na minha cabeça: – “Que frio na barriga! É pior que final de campeonato, né? Aqui é a gente que joga, nós somos os torcedores e os jogadores”.

Talvez seja sobre isso que Simmel (2006, p. 62)³⁹ trata quando fala da sociabilidade *como jogo*. Esse deslocamento performático da realidade que constrói sua própria forma e significado desapegado de delimitações precisas. Por mais que as arquibancadas do futebol – e também do samba – proporcione aos Gaviões uma relação de sociabilidade *com o jogo*. É no ato de desfilar que ocorre uma espécie de transmutação onde os torcedores se tornam jogadores, afim de construir sua sociabilidade *como jogo*.

Através do carnaval existe a possibilidade da ocorrência de uma significativa *inversão* dos valores e papéis, comparativamente à participação no universo do futebolístico. Ainda que reivindicuem sua importância no espetáculo e nas partidas de futebol, estes torcedores organizados serão sempre torcedores – aos jogadores cabe o papel de promover o espetáculo maior. Porém, no carnaval promove-se uma inversão, tornam-se os protagonistas do espetáculo. Desfilam nas ruas e no sambódromo. Da condição de torcedores violentos, fanáticos e intolerantes passam a vislumbrar a condição de sambistas, ritmistas, passistas, artesãos, artistas populares. (TOLEDO, 1996, p. 153).

³⁷ Não objetivo com isto dizer que as TO's de SP, e mais especificamente, os Gaviões da Fiel, não nasceram em contexto burguês de classe média branca, pois em boa parte nasceram. No entanto, é inegável perceber que sua massificação histórica ocorre pelo predomínio das classes subalternizadas e periféricas, o que historicamente é atravessado por um processo de radicalização.

³⁸ “Quebrada” é um termo nativo utilizado para nomear genericamente bairros periféricos e favelizados da cidade de São Paulo. Por exemplo: “lá na minha quebrada”; “qual é sua quebrada?”.

³⁹ Para uma densa contextualização sociológica de Simmel consultar Waizbort (2013).

O carnaval, apesar de nascer nos Gaviões como um projeto estratégico, ocupou um espaço de agência na constituição da TO, que hoje não pode mais ser lida apenas como uma agremiação ligada ao futebol e outra ao samba. Por isso, reitero a necessidade de uma interpretação – tanto acadêmica quanto pública e publicizada –, desse *acúmulo cismogênico* de sociabilidades distintas e competitivas entre si dentro da TO.

Com o objetivo de contribuir para o debate acadêmico sobre torcidas organizadas de futebol que são também escolas de samba, é que apontei o conceito de *cismogênese* de Bateson (2018 [1958]) como um importante refinamento da discussão, a fim de suprir a lacuna acerca dessa experimentação cada vez mais profunda e complexa nas sociabilidades das TO's atuais, sobretudo na cidade de São Paulo.

Particularmente, não vejo mais como prudente estudar torcidas organizadas que são também agremiações do samba, apenas pelo vetor do futebol, ou considerar o samba meramente como um adereço lúdico e sazonal. Antes, acredito que se faz necessário considerar que as dinâmicas agora acontecem em uma *socialidade cismogênica* de acúmulos e disputas entre os dois universos. E que os conflitos e negociações internas constroem as práticas que são externalizadas tanto nos ambientes de futebol quanto do samba⁴⁰.

Penso inclusive, e aqui com uma dose de utopia, que as políticas públicas voltadas para as agremiações tenham um maior sucesso se partirem desse preceito, ou ao menos do reconhecimento de que as ações não podem mais ser direcionadas como se as torcidas/escolas fossem apenas do âmbito do futebol ou do samba. Até mesmo as ações punitivas e preventivas que visam o controle de conflitos me parecem de menor eficácia quando aplicadas sem esse prévio reconhecimento.

⁴⁰ Acrescento inclusive nessa dinâmica o papel de ativismo social das TO's em suas comunidades durante a pandemia. Como pude destacar em um recente artigo publicado em parceria de Luiz Henrique de Toledo, o qual consta nas referências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Clara de Assunção. *Fantasia negociadas: políticas do carnaval paulistano na virada do século XX*. São Paulo: **Dissertação de Mestrado em Antropologia Social/USP**, 2010.

AZEVEDO, Clara de Assunção; OLIVEIRA, Felipe Gabriel. Para além do Anhembi: as escolas de samba de São Paulo e outras práticas de sociabilidade. **Ponto Urbe**, [s.l.], n. 23, p.1-21, 28 dez. 2018. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/pontourbe.5906>.

BATESON, Gregory. **Naven**: um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da nova guiné, desenhado a partir de três perspectivas. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2018. 384 p. (IV). Tradução de: Magda Lopes.

BATESON, Gregory. Contraste etológico, competição e cismogênese. In: BATESON, Gregory. **Naven**: um esboço dos problemas sugeridos por um retrato compósito, realizado a partir de três perspectivas, da cultura de uma tribo da Nova Guiné. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018 [1958]. Cap. 13. p. 219-240. Tradução de Magda Lopes.

BATESON, Gregory; RUESCH, Jurgen. *Comunicacion: la matriz social de la psiquiatria*. Buenos Aires: **Paidós**, 1965.

BUARQUE DE HOLANDA, Bernardo. **O clube como vontade e representação**. O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Sete Letras/FAPERJ, 2010.

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; MEDEIROS, Jimmy. Escolas de samba e torcidas organizadas de futebol: análise de um caso de sincretismo no carnaval paulistano. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 23-47, jul. 2018. ISSN 2176-8943. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/73873>>. Acesso em: 9 Nov. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.73873>.

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; FLORENZANO, José Paulo. **Territórios do torcer**: depoimentos de lideranças das torcidas organizadas de futebol. São Paulo: Educ, 2019. 392 p. Orgs. Bernardo Borges Buarque de Hollanda, José Paulo Florenzano.

BUENO, Arthur. “Uma torcida que samba: o Grêmio Recreativo Gaviões da Fiel”. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; NEGREIROS, Plínio Labriola. **Os Gaviões da Fiel**: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. "'Cultura' e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais" In. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo, Cosac Naify, 2009.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Dos bastidores ao desfile**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, Minc/Funarte, 1995.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 1999.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. "'Cultura' e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais" In. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo, Cosac Naify, 2009.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

DAMATTA, Roberto. **Universo do Carnaval: imagens e reflexões**. Rio de Janeiro: Pinakhotheke, 1981.

DAMATTA, Roberto. **Universo do Futebol: esporte, sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakhotheke, 1982.

FRANCISQUINI, Sandro. Campeonato brasileiro de futebol e a esportificação do futebol profissional (1971-1979). **Dissertação de mestrado. Ciências Sociais- UFSCar**, 2006.

INGOLD, Tim. Culture on the ground: the word perceived through the feet (cap. 3). In *Being Alive: essays on movement, knowledge and description*. Nova York: Routledge, 2011.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 85 p.

LEOPOLDI, José Sávio. **Escola de Samba. Ritual e Sociedade**. Vozes, 1978.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p.11-30, jun. 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. In **Horizontes Antropológicos**, v.15, n.32, 2009, p.129-156.

PIMENTA, Carlos A. M. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Violência e autoafirmação. Aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté: Vogal editora, 1997.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo; SILVA, Geraldo Camilo da. Reflexão sobre as torcidas organizadas no samba e a espetacularização do carnaval carioca. **Sociedade e Cultura**, Goiania, v. 22, n. 1, p.318-337, 2019. Semestral.

SAHLINS, Marshall. O "**pessimismo sentimental**" e a **experiência etnográfica**: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). *Mana* [online]. 1997, vol.3, n.1, pp. 41-73.

SAHLINS, Marshall. **O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica:** por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte II). *Mana* [online]. 1997, vol.3, n.2, pp. 103-150.

SIMMEL, G. 2006. *Sociabilidade. Questões fundamentais de sociologia.* Rio de Janeiro, Zahar.

SOUZA JUNIOR, R. A. P.. *Corpos que torcem: as questões de gênero e as lógicas masculinizantes de torcidas organizadas de futebol.* *Anais da Semana de Ciências Sociais da UFSCar, São Carlos, v. 16, n. 3, p. 58-74, abr. 2020.* Disponível em: <http://www.semanasociais.ufscar.br/anais-semana-de-ciencias-sociais-da-ufscar/>. Acessado em: 21.04.2020.

SOUZA JUNIOR, R. A. P.; TOLEDO, Luiz Henrique, « *Redes populares de proteção: Torcidas Organizadas de futebol no contexto da pandemia da COVID-19* », *Ponto Urbe* [Online], 26 | 2020, posto online no dia 28 julho 2020, consultado o 19 setembro 2020. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/8706>; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.8706>

STRATHERN, Marilyn. **A pessoa como um todo e seus artefatos.** O efeito etnográfico. São Paulo, Cosacnaify, 2014.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico:** e outros ensaios. São Paulo: Ubu, 2017. 544 p. Tradução de: Iracema Dulley, Jamille Pinheiro e Luisa Valentini.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol.** Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique. *A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo.* In: MAGNANI, J. C., TORRES, L. *Na metrópole: textos de Antropologia Urbana.* São Paulo: **Edusp, Fapesp.** (1996b).

TOLEDO, Luiz Henrique. *Histórias de jovens, futebol e condutas de risco**. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 6, n. 5, p.209-221, 1997. Quadrienal. Disponível em: http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_18_LUIZ_HENRIQUE_DE_TOLEDO.pdf. Acesso em: 14 nov. 2019.

TOLEDO, Luiz Henrique. 2020. *Sociabilidade: etnografia de um conceito.* In CAMARGO, Wagner, PISANI, Mariane, ROJO, Luiz (Orgs). *Vinte anos de diálogos. Os esportes na Antropologia Brasileira.* ABA, (no prelo).